TNSJ
TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO

ficha técnica TNSJ
coordenação de produção
Maria João Teixeira
assistência de produção
Maria do Céu Soares
Mónica Rocha
direção de palco
Rui Simão
direção de cena
Pedro Guimarães
luz
Filipe Pinheiro (coordenação)
Abílio Vinhas
Adão Gonçalves
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
som
Joel Azevedo
maquinaria
Filipe Silva (coordenação)
Joaquim Marques
Adélio Pêra
Paulo Ferreira
Jorge Silva
Lídio Pontes
tradução para legendagem
José Gabriel Flores
operação de legendagem
Cristina Carvalho

apoios TNSJ
Castanheira · pedras&pêssegos · Gentleman

apoios à divulgação
98,9 Neva · fnac · Rádio era · Jornal de Notícias · Antena 1 · Antena 2 · STCP · Comboios de Portugal

agradecimentos TNSJ
Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

ficha técnica Panmixia
assistência de desenho de luz
Cláudia Valente
assistência de cenografia
Pedro Pinheiro
execução de objetos cenográficos
Carpintaria Barros
execução de figurinos
Carla Santos
Maria Gertrudes Correia de Sá
Sidalina Silva
coordenação e gestão de projeto
Margarida Wellenkamp

apoios Panmixia
IEFP · Arouca

agradecimentos Panmixia
Ana Carretas de Matos
Ana Luena
Cláudia Brito
Elsa Sequeiros
Isabel Rodrigues
Joaquim Costa Brito
Jorge Sá
José Manuel Castro
Natália Ribeiro
Pedro Maia
Rita Santos
Sara Sequeiros

Panmixia Associação Cultural
CACE Cultural
Rua do Freixo, n.º 1071
4300-219 Porto
T 96 113 90 60
facebook.com/PanmixiaAC
panmixia.info@gmail.com

Teatro Nacional São João
Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 22 340 19 00

Teatro Carlos Alberto
Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

Mosteiro de São Bento da Vitória
Rua de São Bento da Vitória
4050-543 Porto
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt · geral@tnsj.pt

edição
Departamento de Edições do TNSJ
coordenação **Pedro Sobrado**
design gráfico **Studio Dobra**
fotografia **João Tuna**
impressão **Multitema**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Cordel...

...ou 5 histórias cinco contadas pelo famoso Corcundinha da Cartola, que viveu e morreu na cidade do Porto onde tinha um vão de escada donde deu a conhecer a Donzela Teodora, doutora entre doutores, mulher altiva e cultivada que falava 7 línguas sete, dominava a geometria e a filosofia, e venceu duelos de sabedoria com os maiores sábios do seu tempo, e sabia muitas histórias da História que contava com muito estilo e elegância, como a história de Antónia Rodrigues, "a Cavaleira portuguesa", que aos 15 anos fugiu de Lisboa disfarçada de marinheiro e combateu em Mazagão, praça-forte portuguesa, com tal coragem e denodo e valentia que foi armada cavaleiro, ganhando a alcunha de "terror dos mouros", até ser descoberta a sua verdadeira identidade, com espanto geral de todos e até de Filipe III de Espanha II de Portugal, que a recebeu no paço e lhe concedeu uma tença de dez mil réis anuais e uma fanga de farinha por mês, sorte que não teve Soror Claudiana Natividade, que se fez noviça e professou no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa, sem que até esse ano em que já estaria na idade dos 20 tenha alguma vez levantado dúvidas sobre a sua condição de mulher, até ser exposta perante todas, mostrando-se envergonhada com a sua anatomia, pedindo remédio para a alma, por não ter vaso natural como as mais mulheres, sendo condenada por Frei Jorge Sande, Provincial da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, a abandonar em duas horas a casa que fora sua, sentença que foi revogada por juízes delegados do Santo Papa que mandaram recolher outra vez a religiosa, a qual se dedicou de alma e coração às práticas místicas em que santamente terminou a vida, ao contrário de Luísa de Jesus, a última mulher em Portugal a ser executada de morte, garroteada e queimada publicamente, com ambas as mãos cortadas em vida, porque esta criminosa de apenas 22 anos de idade recolhia crianças abandonadas na Roda dos Enjeitados da cidade de Coimbra, para se apoderar do enxoval desses anjinhos e receber os 600 réis atribuídos à ama, sempre com nome falso e diferente, até ser descoberta e descobertos 33 cadáveres trinta e três de crianças que ela, a facínora, tinha asfixiado ou envenenado, num caso que chocou a população deste nosso Reino e de outros pelo mundo fora, como também foi o estranho caso que aconteceu com Henriqueta Emília da Conceição, mulher que levava uma vida dissoluta de vícios e crimes na já citada cidade do Porto, chegando a ser capitoa de uma quadrilha de ladrões malfeitores, e vindo a apaixonar-se, dizem que à primeira vista, por Teresa Maria de Jesus que, pobrezinha, muito cedo faleceu com a tísica, pelo qual falecimento Henriqueta muito chorou e às escondidas decapitou, durante a trasladação do corpo da amada, e levou a cabeça dela para casa e guardou-a numa redoma que tinha junto da cama, caso que se tornou público e foi levado a tribunal, em que o excelentíssimo senhor juiz a absolveu por considerar que não é profanar amar com tal paixão, tão grande, que ainda hoje perdura na lembrança de quantos visitam o cemitério onde repousa Teresa Maria, em cujo jazigo depõem círios e flores, num culto secreto que guarda a memória de ladrões com nome de mulher para escapar à justiça, de mancebos com nome de mulher para não irem à tropa, de escritoras com nome de homem para poderem publicar seus livros, de escritores com nome feminino para terem mais leitoras, exemplos que levavam o já citado Corcundinha da Cartola contador de histórias de cordel a perguntar porque é que há gente que teima em não se sentir bem dentro da sua pele, a não ter a alma de acordo com o corpo. Tudo contado em rimas ricas e imaginosas, respeitando a nova ortografia própria do português moderno de Portugal, como convém às novas histórias de...

Cordel.

Em poucas palavras

José Carretas

O teatro que fazemos e desejamos a cada passo é sempre experimental, na procura de novas formas de relacionamento com o público, de novos tons e sonoridades, que não são nem podem ser sempre os mesmos, dependendo das intenções particulares de cada espetáculo. Novas formas também para as apresentações visíveis das nossas inquietações, insatisfações, desejos.

É um percurso, não didático, nem pedagógico, nem proselitista. Prefere inspirar-se mais na vida dos outros (e na nossa) do que no teatro dos outros.

Teatro de texto, sim, mas para ser ouvido, não lido; por vezes só dito, outras até exageradamente declamado, quando se trata do período barroco ou dos textos de cordel, que temos vindo a abordar ultimamente; onde a poética se esconde ou se revela na vulgaridade aparente dos lugares-comuns; onde as personagens são o que são e não aquilo que deviam ser; onde o prazer de fazer e de dar é afinal o primeiro objetivo.

Continuamos à procura da leveza e da simplicidade. Só porque gostamos de fazer assim, desta maneira. Por isso pedimos ajuda à ligeireza da modinha e ao balanço do lundum, para contar histórias de mulheres vividas em sete sílabas. Só pelo simples prazer de contar histórias. Não se trata, portanto, dum espetáculo sobre a mulher, ou sobre as mulheres. Raramente usamos palavras escorregadias como *género*, por exemplo.

São histórias talvez inesperadas para muitos, surpreendentes para alguns. Mostram mulheres que, no seu tempo, excederam a regra, não cumpriram o seu papel habitual. Fosse pelo heroísmo tradicionalmente atribuído aos homens, fosse pelo caminho do horror contrário ao instinto maternal que se continua a atribuir às mulheres. No entanto, são histórias que não querem dizer nada. Se alguma coisa dizem, é porque o público quis ler o que quis.

Continuamos à procura da memória coletiva sempre investigada e, às vezes, inventada.

Continuamos, mais uma vez, a usar o humor que esconde a profunda tristeza de ver o que este país podia ter sido e aquilo que é. Só porque gostamos mais de rir que de chorar. Para continuar a resistir. Porque estamos vivos.

Como diz uma das personagens, “vamos rir do que é costume, do pecado e da moral, vamo-nos rir do pudor, extasiar nesse perfume bestial do nosso amor”.

Histórias antigas, perguntas modernas

Amélia Lopes

A escrita do texto *Cordel* foi realizada numa espécie de retiro de trabalho em frente ao mar da Praia da Leirosa.

A proposta tinha surgido do José Carretas: escrever uma peça, em forma de teatro de cordel, que questionasse, através de vários casos de mulheres portuguesas de diversas épocas, as ideias do *senso comum* sobre a *personalidade feminina.* Depois, algumas conversas animadas, um compromisso de trabalho. E a coisa fica a aboborar.

Tanto eu como o José Carretas gostamos muito de histórias: de ouvir histórias, de contar histórias. Histórias antigas, mas nunca velhas, que clarejam, pela distância, perguntas modernas, mas nunca novas. *Porque é que há gente que teima em não se sentir bem dentro da sua pele, em não ter a alma de acordo com o corpo?* Ambos temos também alguma facilidade em rimar *dor* com *amor*, ou mesmo "Aí tens Iabá Faiçal / Infiel fenomenal". Temos projeto!

Uma mulher, Antónia Rodrigues, que, disfarçada de marinheiro, combateu em Mazagão com tal coragem e denodo e valentia que foi armada cavaleiro. Uma outra, Luísa de Jesus, que assassinou trinta e três bebés da roda dos enjeitados. Uma terceira, Soror Claudiana da Natividade, julgada e condenada à expulsão do Convento de Vila Viçosa "por ser homem, e não mulher". Uma quarta, Henriqueta Emília da Conceição, que decidiu degolar o cadáver da amada e guardar a caveira da dita numa redoma de vidro, em cima do psiché da sala.

Invenção nossa? Nunca… Tudo devidamente documentado com notícias em diversos jornais, de diversas épocas, de diversos quadrantes. E confirmado em inúmeras teses e artigos científicos das mais desvairadas formas e feitios.

Criemos um guião: de um lado a ação, do outro os espaços. Que momentos da vida destas mulheres nos interessam? Como se ligam todas estas histórias, de forma a parecerem uma só, sem que o ilustre público adormeça ao sinal das vinte e uma e cinquenta e oito?

Teodora. A escrava do Oriente comprada por Abel Nunes da Figueira em Toledo, que, detentora de saber universal e movida por um sentimento ancestral de vingança, arruma com os três sábios que a questionam e dobra constantemente a parada com o Califa, num gamão de vida ou morte! À laia das claras em castelo que entretanto davam consistência a deliciosas sobremesas confecionadas no andar de cima, a nossa Teodora, na boca do Corcundinha da Cartola, envolve as companheiras numa mão de cerejas que nunca abandonam o cesto desamparadas.

O resto é trabalho, muito trabalho de brincar com a língua portuguesa. Prosa versificada, em redondilha maior, com rima emparelhada, cruzada, interpolada e alguns versos brancos… *derivado à* modernidade da obra. Muito hipérbato, algumas anástrofes até, quando os autores já se tinham de tal forma enredado na trama do *corpus* linguístico que o pensamento se lhes alterava violentamente, refletindo-se na escrevedura. Horas a fio para arrancar dois ou três fiapos de diálogo e alguns minutos de inspiração, jorrada sabe-se lá de que nereida leirosense, para limpar cenas há dias enterradas num limbo de banalidade.

Ele há coisas que eu até palavra de honra!

Leirosa, 18 de agosto de 2016

Que mistérios são es

José Viale Moutinho*

Obviamente, o título foi surripiado ao meu caro amigo senhor visconde de Correia Botelho. E como, doutro modo, intitularia eu este texto que, por força, me atira para universos que visitei em alturas tão distintas da minha vida? É que uma coisa é o encantamento da infância equilibrada com a cronologia de cada qual e outra coisa uma certa infantilidade mental na idade adulta. Como se não bastasse, há aqueloutra curiosidade, estribada culturalmente, de revisitar os lugares levando a mesma cabeça, mas um tanto alterada pelas vivências em que os estudos têm parte cativa – e tantas vezes pouco conciliatória. Vem isto a propósito de quando eu era menino e moço e, às segundas-feiras, a caminho do colégio, tinha de atravessar uma feira na vila marinheira em que vivia. Aqueles cheiros todos, que iam das frutas aos legumes e se tornavam muito mais agressivos na zona onde se mercavam os porquinhos para, a prazo, encher a salgadeira… Mesmo as vacas leiteiras não eram muito favorecidas pelas perfumarias. Mas o grande encontro na feira era com certa gente que primava pela normalidade assente nos cânones do costume. Não podia perder o homem de amarfanhado fato castanho que trazia uma maleta com uma jibóia enorme e outra maleta com frascos de *pomada santa banha da jibóia brasileira*. Aquele conjunto espectáculo de propaganda era fascinante. Quase tanto como o vendedor de cobertores e colchas que falava ininterruptamente e assentava as suas verdades num "e que Deus me arranque a garganta se". E cumpria, o filho da mãe. Pelo menos os seus clientes iam dali sob uma cobertura de colchas, colgaduras e atoalhados contra a entrega de notas, algumas delas com a vera efígie do senhor visconde de Correia Botelho, que foi até ao Outono de 1885 o grande escritor Camilo Castelo Branco. Lembram-se dessas notas de cem escudos?

Ora, quando Camilo ainda era Camilo, mas não ainda o Camilo do *Amor de Perdição* e da *Queda dum Anjo* ou do *Eusébio Macário*, escreveu algo que muito tem a ver com o que aqui nos traz: um folheto de cordel. Intitulava-se ele *Maria! Não me mates, que sou tua mãe!* E gabou-se, é bem verdade, de ter amealhado uns trocos com a venda deste sangrento cordel. Nem se atreveu a assinar, ainda que fosse apenas um jovem plumitivo e já amassasse

uma cultura clássica apreciável. Talvez até por isso. Vemos dentro da nossa cabeça o que o papel grosseiro regista: a tal Maria, a mando do amante, assassinar a mãe, esquartejá-la e espalhar os pedaços por onde as dignas autoridades os foram recolher para arrepio do leitor. Mas havia os que não liam estas miudezas de exploração noticiosa, embora ouvissem ler com gosto. Nem por isso a literatura de cordel não criou a fama de ter alimentado leitores.

Na feira da minha infância, eu assistia à venda dos frascos da tal *pomada santa* e, apreciado o tenebroso aspecto da jibóia que se enroscava e desenroscava no propagandista, que era todo uma parafarmácia, e meia hora depois do homem das colchas e colgaduras, rouco até mais não, lá ia assistir a duas ou três pequenas peças de robertos, em que o pobre Diabo me apanhava a simpatia pelas bordoadas que lhe eram aplicadas pelo herói da representação! E ficava pronto para outras!

Então é que era! Noutro ponto da feira, um desgraçado com um banjo, com papéis impressos presos por molas de roupa ao corpo, dava notícias do "grande e horrible crime", da "infeliz coitadinha" que era pioneira da violência doméstica. Os maridos, segundo as cantorias, estrangulavam as esposas, esfaqueavam as amantes, era à machadada ou atiravam as mulheres para os poços. Ou então contava-se, em versos de pé esfacelado, a narração de um grande desastre de comboios, com as criancinhas gemendo e gritando. Ou mesmo o rapaz que morria nas áfricas com um tiro ou uma azagaia envenenada. Ouvi de tudo e mesmo cheguei a conseguir imitar aqueles cantores roufenhos afadistados, que eram verdadeiros tablóides sonoros. Os senhores espectadores de então comoviam-se até às lágrimas, elas e eles. E compravam caderninhos e folhas A3 com os versos ali cantados estampados a cor, e algum retrato que, segundo eles, viera nos jornais.

E certo dia, a um homem que eu nunca topara na feira, um velhote de cabelo grisalho, comprido e sujo, com alguma voz melodiosa cansada, ouvi cantar o que nunca imaginara. Nada menos de algo que hoje poderemos olhar como a precursora do feminismo e da alta sabedoria da princesa Teodora, a versalhada de fio a pavio que eu acabaria por ler em prosa traduzida do castelhano. Foi o meu encontro com um clássico dos que se penduravam ou colocavam à venda *a cavalo num barbante*. Acabaria eu mesmo por fazer uma antologiazinha sobre o humor neste tipo de literatura, a que, por sinal, se seguiu uma encomenda feita a Cesariny intitulada *Horta de Literatura de Cordel*. E, por fim, o ano passado realizei o velho sonho de *Literatura de Cordel: Uma Antologia* de grande formato, onde alinhei em pleno o meu ecléctico gosto na área. Pena que para o livro, de grande que é, não chegue um cordel para o pendurar, exigindo mesmo uma boa corda de enforcado! Mas o Círculo de Leitores vende-o de uma forma mais consentânea com o nosso tempo prático!

Ainda lhes quero dizer que nunca fui coleccionador de folhetos de cordel, embora tenha alguns por aí. Sempre fui comprador de livros em livrarias! Uma vez, numa rua da Baixa lisboeta, tropecei com um homem que tinha para vender ali mesmo todo o *Dicionário Bibliográfico Português* – uma dúzia e pico de volumes – do senhor Inocêncio e, singularmente, pedia uma quantia irrisória. Preparava-me para o comprar, calculando a distância do multibanco mais próximo quando apareceu um senhor guarda à esquina e o putativo mercador fechou a maleta e desapareceu da minha vista a passo assaz rápido. Era a primeira edição da citada obra e eu estava muito perto de me tornar receptador de artigo roubado, afanado, desviado, etc. Mas que preço tentador! No entanto, fui amontoando numa caixa-arquivo programas de óperas cuja configuração obedecia aos mesmos cânones editoriais, mas decerto não comerciais. E assim, quando há pouco assisti ao ensaio desta peça do José Carretas e da Amélia Lopes, disse com os meus botões que se tratava de uma boa combinação de todas as coisas que eu sabia do *cordel* – deixem-me tratá-lo assim, pois nos conhecemos há tanto tempo! – e ainda por cima para ser estreada no Teatro Nacional São João, casa que – à parte o grande incêndio do início do século XX – foi o palco das representações da maioria dos meus folhetos operísticos! A expressão que me veio à cabeça foi simplesmente esta:

– Está resolvido.

E, se me deixassem os autores, eu subscreveria o texto da peça sem o menor problema de consciência porque é isto mesmo que a minha consciência avaliza como literatura de cordel evocada no nosso tempo. Também nada mais perturbador para mim, quando andava na colheita dos folhetos pelas bibliotecas, do que dar de caras com os materiais da Biblioteca Pública Municipal do Porto e encontrá-los aí encadernados em grossos volumes – e eu a ver como rebentariam os cordéis com aquele peso! Depois, soltos entre si, os folhetos teatrais da Biblioteca da Universidade de Coimbra, a colecção de Jorge de Faria. Essa sim, pode ser exposta com relativa comodidade. Porém, mesmo num ensaio de leitura, a gente sujeita-se a muito! Eu fiquei à mercê da senhora Henriqueta Emília da Conceição, mas fingi que a não conhecia, pois já dera de caras com ela, tempos atrás, não num *cordel*, mas num teatro do nosso tempo. Pois, quando vi esse arquétipo de "senhora de mau porte" romântica, disse logo cá com o meu *zip*:

– O Mário Cláudio já andou com ela!

Entretanto, quem ficou suspenso de cordéis fui eu, pois de um e do outro lado emergiam figuras do *cordel*, que, sem procederem a qualquer vénia protocolar, entravam na peça e debitavam o que a hipocrisia, inerente aos actores, lhes havia distribuído! E eu senti-me, desde as primeiras falas, identificado com o Corcunda da Cartolinha, o vendedor dos folhetos, o editor dos folhetos, afinal de contas, o autor desconhecido (ou até conhecido) de todos os folhetos. Daí que, quando virem o pano correr, fiquem a saber que sou eu na minha função de evocador-mor desta estranha e divertida actividade quem tem viajado sobre terras e mares. Mas escusam de ir às feiras tentar encontrar rastos de tudo isto. Desapareceram. Agora, se querem o *cordel* para amenizar o vosso tempo, sentem-se nas poltronas teatrais e esperem até que o fantasma do senhor Molière vos convoque para a representação. Como lhes disse, as cortinas estão a meu cargo e a partir daqui: que mistérios, afinal, são estes?

* Escritor.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

Cordel

texto
José Carretas e **Amélia Lopes**
encenação e cenografia
José Carretas
desenho de luz
Francisco Beja
figurinos
Margarida Wellenkamp

interpretação
Beatriz Wellenkamp Carretas
Emílio Gomes
Joana Carvalho
Leonor Wellenkamp Carretas
Margarida Carvalho
Teresa Faria (atores)
Tiago Candal
João Guimarães
Manuel Brásio (músicos)

coprodução
Panmixia
TNSJ

dur. aprox **1:45**
M/12 anos

Espetáculo em língua portuguesa, legendado em inglês.

Teatro Nacional São João
15-25 setembro 2016
qua **19:00** qui-sáb **21:00** dom **16:00**

estreia

Conversa após o espetáculo
com criativos e elenco

Teatro Nacional São João
18 setembro 2016
domingo

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
O TNSJ É MEMBRO DA
UNIÃO TEATROS EUROPA
PANMIXIA Associação Cultural